



Tematizando o eclesial e o ecumênico no roteiro da sinodalidade

Thematizing the ecclesial and ecumenical
in the synodality script

*Antonio de Lisboa Lustosa Lopes**

PUC-SP

*Júlio Cezar Nascimento Moraes***

PUC-SP

Recebido em: 03/04/2023. Aceito em: 04/04/2023.

Resumo: *Este artigo é uma pequena contribuição para a compreensão e o aprofundamento do tema da sinodalidade, dentro do contexto resgatado e provocado por Francisco com o convite urgente a uma conversão das estruturas eclesiais ao constitutivo eclesial da sinodalidade que viabilize e facilite a experiência da salvação, ao invés de serem entraves. Nesse sentido, o artigo procura explicitar a relação entre salvação e sinodalidade, e como esta decorre daquela como uma sua exigência, incluída a necessária promoção do ecumenismo como elemento de factibilidade da proposta ao mundo. Assim, caminhar juntos, sentido básico da palavra sínodo, aparece como decorrência de uma unidade que é buscada e que é percebida como excelente meio viável para a realização humana, que é entendida aqui como o próprio significado da salvação. Além disso, nessa*

* Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo, 2010). Mestre em Teologia Prática (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2005). Docente de Teologia Prática na PUC-SP e membro pesquisador no Grupo de Pesquisa José Comblin do Programa de Estudos Pós-graduados de Teologia da PUC-SP.

E-mail: alopes@pucsp.br.

** Mestrando em Teologia (PUC-SP, com bolsa Capes). Bacharel em Teologia (Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2020). Realizou sua iniciação científica com bolsa de fomento do PIBIC-CNPq, com o projeto intitulado “A esperança messiânica-escatológica como resistência aos dispositivos de dominação”, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Edelcio Ottaviani. Atualmente participa do Grupo de Pesquisa José Comblin do Programa de Estudos Pós-graduados de Teologia da PUC-SP (GPJC/PUC-SP).

E-mail: julionascimentomoraes@gmail.com.





unidade, vai se percebendo que ela só se dá em meio a uma pluralidade. A comunidade é irreversível e a pluralidade que daí emerge se mostra irresistível.

Palavras-chave: Sinodalidade; eclesial; ecumênico; comunidade; salvação.

Abstract: *Here we present a small contribution to the comprehension and deepening of the theme of synodality, within the context rescued and stimulated by Francis with the urgent invitation to a conversion of ecclesial structures to the ecclesial constitutive element of synodality that makes possible and facilitates the experience of salvation, instead of to be obstacles. In this sense, the article seeks to explain the relationship between salvation and synodality, and how the latter derives from the former as a requirement. Thus, walking together, the basic meaning of the word synod, appears because of a unity that is sought and that is realized as an excellent viable means for human fulfillment, which is understood here as the very meaning of salvation. In addition, in this unit, it becomes clear that it only occurs inside of a plurality. The community is irreversible and the plurality that emerges from it proves to be irresistible.*

Keywords: Synodality; ecclesial; ecumenical; community; salvation.

Introdução

Muito já se tem escrito e dito sobre a sinodalidade, por conta de todo movimento que o Papa Francisco iniciou e provocou. O risco, bem próprio de nosso tempo, e não por acaso, é o de uma inflação de informações e escritos e falas, que satura rapidamente e faz perder logo o interesse pelo tema. É um risco. Mas, ao mesmo tempo, escrever sobre a sinodalidade, dentro desse contexto de um Sínodo que vai tratar sobre a própria sinodalidade, acaba sendo necessário, pois o outro risco é o de não aprofundarmos o tema e deixar passar ao largo. E tal tema não é secundário, mas se mostrará, como já se mostra, crucial para a Igreja e, de certo modo, para a humanidade como um todo.

Foi por isso que decidimos escrever sobre a sinodalidade, mas buscando contribuir um pouco mais na explicitação do laço entre a Revelação divina, que para nós tem o ápice na pessoa de Jesus de Nazaré, confessado e crido como o Cristo, e a sinodalidade. Isto é, a sinodalidade, mais do que um sínodo, que é um evento pontual, é uma exigência da realização da salvação que Deus nos oferta. Dito de outro modo e citando o próprio Francisco¹: não nos salvamos sozinhos, estamos todos “no mesmo barco”; ou caminhamos juntos, ou somos salvos todos, ou não se salva ninguém.

¹ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica “Fratelli Tutti”*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020; FT 137.



A individualização extrema e ideológica sob a qual vivemos, vai acabar dificultando densamente a realização concreta da salvação, a qual a Igreja tem a incumbência de sinalizar à humanidade, por meio de sua realização, ainda que imperfeita, na comunidade que diz ser “Povo de Deus”. É nesse sentido que se procura, aqui neste artigo, explicitar, ainda que sinteticamente, esse laço que há entre a salvação da humanidade e a sinodalidade e que, portanto, ela não é coisa secundária nem apêndice no rol das preocupações da Igreja.

Acontece que a Igreja está inserida na história, e por isso participa, como toda realidade humana, das condições e limitações inerentes a ela. A Igreja pode até não “ser do mundo” (entendendo bem o que isso significa), mas está nele, gostem alguns disso ou não. E como a Igreja é aquilo que resulta da reunião de pessoas concretas, “de carne e osso”, em torno de Jesus, o Cristo, por ação do Espírito, essas pessoas concretas acabam refletindo e levando para “dentro” aquilo que é próprio de sua época e que elas vivenciam “fora” (e aqui vale dizer que esses limites, “dentro” e “fora”, não são tão claros assim como alguns desejam apresentar, a realidade é muito mais “porosa” do que gostamos de admitir).

Um fenômeno que se destaca e tem sido bastante verificado e analisado por diversos autores, é o quanto tendências individualistas, narcísicas, egoístas tem performado a prática religiosa, incluindo a cristã católica romana. Tal fenômeno sociocultural, mas também político-econômico, choca-se com alguns princípios constituintes da própria realidade da fé cristã, incluindo essa dimensão coletiva/social/comunitária da salvação e o próprio princípio do Amor, que por definição não pode ser egoísta, já não sendo mais amor.

Ao provocar toda a Igreja a pensar e a converter suas estruturas à dinâmica e ao modo de ser sinodal, Papa Francisco nada mais faz do que resgatar aquilo que é a razão de ser da Igreja, e que remete ao núcleo da experiência cristã de Deus, em Jesus, por meio do Espírito. Quando ouvimos a Revelação, descobrimos que ela está, de algum modo, “condicionada” à nossa salvação: Deus se revela para salvar, e ao salvar se revela. E essa salvação tem como beneficiário a criatura, não o Criador, não é ele quem precisa ser salvo (como faz parecer as “teodiceias”), mas nós, seres humanos e o todo da criação.

De forma muito sintética: descobrimos que a salvação tem a ver com a realização do desígnio do Criador, o mistério de que nos fala a Carta aos Efésios, e que esse tem a ver com a realização humana: chegarmos



a *ser* humanos na medida que Cristo foi. Essa realização tem a ver com as relações e, portanto, exige como base o amor. De modo bem simples: o amor é quem pode nos salvar. O individualismo, a desintegração dos laços humanos, em todos os níveis e direções, é o que pode fazer com que nos percamos.

Nesse sentido, a vivência do ecumenismo aparece como tarefa fundamental e inadiável para que se efetive uma verdadeira “sinodalização” da Igreja, pois seria contraditório apresentar uma proposta de ambições universais se dentro dos limites do próprio cristianismo (que, é sempre bom recordar, extrapola as dimensões da Igreja Católica Romana) não se verificasse também um verdadeiro esforço por trilhar um caminho conjunto. O diálogo ecumênico é parte integral do processo de sinodalização. E isso tem em vista, ao fim e ao cabo, a salvação da humanidade. Com essa finalidade, muito maior do que qualquer particularismo, se deve empenhar nesse caminho conjunto. Não é algo que se poderia alcançar de modo isolado, dadas as suas dimensões. E, assim, se corresponde melhor ao desejo expressado por Jesus, com todas as letras, de que se busque a unidade, servindo de testemunho ao mundo².

A sinodalidade, e é isso que propomos apenas acenar aqui, nos mostra então que a salvação se dará ao *caminharmos juntos*, do contrário, não se salvará ninguém. E isso implica aceitar os diferentes modos em que tal realidade pode se dar. A comunidade se mostrará um caminho irreversível para nossa salvação/realização humana, e a pluralidade aparecerá como algo irresistível, por ser o Espírito Santo a provocá-la.

1 A unidade originária da Igreja e o chamado a caminhar juntos

É natural – e mesmo necessário –, ao refletir sobre algo, partir da própria palavra que, enquanto *senal*, aponta para esse “algo” que é a realidade que se deseja significar. Ou seja, toma-se o *sentido* que a própria palavra nos oferece e, a partir daí, vai-se aprofundando em seu significado, com seus respectivos desdobramentos.

Sinodalidade deriva da palavra “sínodo” (junção da partícula *syn*, que indica “aquilo que vai unido” ou “junto”, e a palavra *hodós*,

² Cf. Jo 17, 21.



“caminho”), que significa, basicamente, “caminhar juntos” ou “caminho que se trilha junto”, em companhia de outro(s). Assumindo esse significado mais básico, podemos, então, indagar: Mas caminhar para onde? Aonde se deseja chegar? Qual é a meta? E como fazer para chegar lá? Qual caminho tomar? Nessa perspectiva, a sinodalidade poderia ser tomada como método³. Método: “caminho para se ir além (meta)”; assim, o “caminhar juntos” se torna o próprio “meio” pelo qual podemos chegar (todos) à meta. Mas qual seria, então, essa meta? Para podermos defini-la, propomos pensá-la partindo do pressuposto da existência na comunidade cristã de uma *unidade originária*, de onde se origina o chamado para caminhar (juntos).

A origem da sinodalidade, em última instância, encontra-se no próprio ser de Deus que, dizemos, é perfeita comunhão e unidade das Pessoas distintas (Deus Uno-Trino). Daí que a unidade eclesial – que tem na Trindade, portanto, seu fundamento e em Cristo sua referência – que se efetiva, justamente, nessa caminhada em conjunto dinamizada pelo Espírito, e visa realizar essa mesma unidade, se torna, ao mesmo tempo, expressão e meta da comunidade. A qual é formada de homens e mulheres renovados e que refletem (ou deveriam) a imagem e semelhança com o Deus Uno que é Trindade. É uma espécie de “tautologia intrínseca”. Para clarearmos tudo isso, tomamos como pano de fundo de nossa reflexão a Carta aos Efésios, que apresenta o fundamento da unidade da Igreja no mistério de Deus.

Na Carta aos Efésios tem-se a apresentação de *uma compreensão do projeto de Deus, que tem em Cristo o seu centro e ápice*. Tal projeto engloba toda a criação, especialmente a humanidade e constitui sua salvação. Essa *universalidade do projeto de Deus* torna-se o quadro dentro do qual a Igreja e seu papel podem ser compreendidos de modo adequado, porém, evidencia também o tamanho do desafio em que ela se vê lançada: nela, de modo parcial, pode se verificar a realização – reforça-se: sempre parcial e frágil⁴ – de tal desígnio: a reunião da humanidade toda em Cristo. A Igreja *reflete e efetiva*, ainda que *parcialmente*, tal anelo, de uma verdadeira unidade do gênero humano em meio à diversidade que lhe é constituinte.

³ MORAIS, Júlio Cezar Nascimento; MORAES, Karolayne Maria Vieira Camargo de. A sinodalidade como método eclesiológico para a práxis evangelizadora. In: LOPES, Antonio de Lisboa Lustosa; SANTOS, Thales Martins dos (org.). *Sinodalidade e Pastoralidade*: olhares diversos. São Paulo: Paulus, 2022. p. 189-214.

⁴ 2Cor 4,7.



Ao lermos a Carta aos Efésios, salta aos olhos um tema que soa como a tônica do texto: o tema do mistério. Fala-se de um mistério que coincide com a vontade de Deus, desígnio que Ele tem consigo desde sempre e que se torna manifesto de modo pleno em Cristo, por meio do Espírito⁵. Esse mistério – que é manifestado como a vontade que Deus sempre teve consigo, agora tornado visível e concreto em Cristo por meio do Espírito – é, para o autor, o *evangelho*, a boa notícia de que a salvação de Deus se dirige a toda humanidade⁶ englobando mesmo o todo da criação. E isso é presentificado na história (historicizado) por meio da Igreja⁷, que ganha, assim, seu quadro de compreensão adequado.

Na Carta aos Efésios, a existência da comunidade cristã – a “edificação do Corpo de Cristo”⁸ – tem por finalidade que “todos nós cheguemos à unidade da fé e conhecimento do Filho de Deus”, que é considerado equivalente a chegar “ao estado de Homem Perfeito, na medida e estatura da plenitude de Cristo”. Pode-se assim dizer, com a ousadia que brota da confiança⁹, que a meta é a nossa realização; é chegar ao estado de ser humano pleno, conforme a plenitude de Cristo. O objetivo é a nossa humanização, que aparece, sob a revelação, como, simultaneamente, nossa “divinização”. Como “quem fala sobre o céu fala, em termos celestes, sobre a terra”¹⁰, o inverso do dito anterior é também verdadeiro: nossa “divinização” corresponde à nossa verdadeira “humanização”.

Hoje temos uma maior e mais esclarecida consciência do longo processo de hominização, ou humanização, pelo qual os seres humanos tiveram que passar¹¹ e, de certa forma, ainda estamos passando. Nosso

⁵ Ef 1,4; 3,5.9.11.

⁶ Ef 3,6.

⁷ Ef 3,10-11.

⁸ Ef 4,13.

⁹ Ef 3,12.

¹⁰ HINKELAMMERT, Franz. *A maldição que pesa sobre a lei*: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2012. p. 5.

¹¹ O historiador israelense, Yuval Noah Harari, nos apresenta um bom “panorama” desse processo, em seu livro *Sapiens: uma breve história da humanidade*, que aparece como uma espécie de ensaio de antropologia. Também se deve levar em conta que a obra em questão possui uma *linguagem* que se adequa ao *seu intento* de ser uma divulgação de temas a públicos que não necessariamente têm conhecimento dos rigores acadêmicos, o que não diminui em nada o valor da obra. Um dos pontos que se considera, aqui, mais positivo do livro é sua perspectiva mais “holística”, com uma abordagem que valoriza mais os processos que subjazem os grandes movimentos históricos. Vista nessa perspectiva, é possível mesmo conferir um sentido à história,



tempo pode ser visto como uma etapa decisiva desse processo de humanização ainda em marcha. O ser humano é um ser inacabado, em vias de realização, buscando, justamente, ser humano.

Depois dos horrores dos campos de concentração nazistas e dos *gulags* bolchevistas; dos bombardeios atômicos no Japão pelos Estados Unidos; diante do constante assédio que a *própria noção de humanidade* vem sofrendo sob o “ar cultural” pós-moderno e neoliberal¹²; num período em que os entusiastas do “pós-humano” celebram o que consideram ser a superação do humano; diante da *negação prática, objetiva* e mais absurda do estatuto de humano de milhões e milhões de pessoas em todo o mundo, descartadas pelo atual sistema capitalista; enfim, demo-nos conta da fragilidade de nossa humanidade, desse projeto por fazer¹³, vulnerável, sob a constante ameaça do próprio homem. O ser humano realmente aparece para si próprio como um problema. Contudo não apenas em sentido pejorativo, mas também enquanto um mistério.¹⁴

A isso, a fé cristã só conhece e pode oferecer uma única possibilidade de resposta: “Na realidade, só no mistério do Verbo *encarnado* se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. [...] Cristo, novo Adão, na *própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime*”¹⁵. É isso o que o conceito de salvação, na perspectiva cristã, encerra em si: é um “conceito que se refere à completude, totalidade e plenificação do humano”¹⁶; como não existe vida humana fora da sociedade¹⁷, a salvação de Deus diz respeito à sociedade também. Uma vez que o ser humano não existe isolado, é

como o próprio autor faz em um dado momento, ainda que, nesse ponto, apareça a divergência com a nossa perspectiva teológica, que encontra esse sentido relacionado com a transcendência, e não somente decorrente de processos imanentes. Ver: HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

¹² GUILLEBAUD, Jean-Claude. *O Princípio de Humanidade*. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008. p. 18-20.

¹³ GUILLEBAUD, 2008.

¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997. 27. Grifo nosso.

¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1997; GS 22. Grifo nosso.

¹⁶ MANZATTO, Antonio. *Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 19. (Coleção Teologia do Papa Francisco).

¹⁷ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A dimensão socioestrutural do Reinado de Deus*. Escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 15-16.



parte constituinte do projeto salvífico a constituição de um povo. Isso diz respeito ao que Aquino Júnior chama de dimensão socioestrutural do Reinado de Deus, que decorre dessa dimensão socioestrutural da vida humana¹⁸. Inclusive, Reino (Reinado) de Deus é uma outra forma de sintetizar o significado da salvação em chave cristológica, e está intimamente relacionado com a noção de Povo de Deus.¹⁹

Essa dimensão essencial do humano tem sido hoje negada ou denegada pela razão neoliberal que destrói a percepção do vínculo coletivo e social, querendo, ideologicamente, reduzir tudo ao indivíduo²⁰. Ora, desde o ponto de vista meramente biológico percebe-se a existência de uma “unidade original”. “Antes de serem indivíduos, [as pessoas] são membros do tronco ou *phylum* humano; sua própria individualidade se inscreve e se constitui nessa pertença à espécie”²¹. Mas o verdadeiro processo de humanização não se limita ao biológico, muito pelo contrário. Os seres humanos, desde muito cedo compartilham um mundo em comum, con-vivem. É essa con-vivência que vai formando, bem lentamente, o mundo propriamente humano. É aí que “vai-se dando o *processo de co-humanização* dos indivíduos: modo de *con-viver* e organizar a vida.”²²

Essa interdependência é intrínseca ao desenvolvimento humano²³. É, pois, nas relações interpessoais e sociais que o ser humano coloca em jogo sua vocação última: *ser* humano ou desumanizar-se. Sendo assim, a salvação, portanto, não pode ser entendida simplesmente como salvação individual, como se bastasse a mera busca pessoal por um aperfeiçoamento moral. Nem se limita a quem se denomina cristão. No que diz respeito à salvação, o que vale para o cristão, vale para todos.

¹⁸ AQUINO JÚNIOR, 2011, p. 12.

¹⁹ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 194.

²⁰ Uma frase, dentre outras, que ficou bastante famosa na década de 1980, da ex-primeira-ministra britânica, Margareth Thatcher (1925-2013), se torna simbólica nesse sentido, sintetizando bem o que significa a racionalidade neoliberal: ela declarou que não existiria algo como a “sociedade” (“There is no such thing as society”), mas existiriam apenas indivíduos e suas famílias.

²¹ AQUINO JUNIOR, 2011, p. 16.

²² AQUINO JUNIOR, 2011, p. 16.

²³ SESBOÛÉ, Bernard. *O homem, maravilha de Deus*. Ensaio de antropologia cristológica. Tradução de Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021. p. 341.



O cristão não goza de privilégios, ao contrário, possui uma grande responsabilidade²⁴. Se a salvação é entendida como nosso caminhar conduzidos pelo Espírito para o fim que se encontra no desejo de Deus (de que alcancemos nossa realização plena²⁵); se a nossa humanização só se dá num processo de “co-humanização”, ou seja, nas relações com os outros seres humanos, e isso tanto num nível mais interpessoal como social; pode-se, assim, compreender “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo.”²⁶

O amor se torna central, uma vez que o nosso destino depende de relações (sobretudo, para com Deus, mas, também, com a natureza). Não como se apresenta numa visão romântica ou comercial, mas enquanto um *princípio de racionalidade da ação humana*, frente às irracionalidades que criamos e que destroem a vida humana²⁷ e nosso próprio planeta junto com os demais seres (o que, de certa forma, também se mostra como uma autoagressão).

Daí também se percebe de onde decorre a opção pelos pobres e como ela é central, pois eles são aqueles que têm, objetivamente, sua dignidade humana negada. Por isso mesmo, se tornam crítica e denúncia vivas de um processo de *desumanização* (deles e de todos nós) inscrito no nível das estruturas que criamos e que aponta para nossa infidelidade ao desígnio de Deus²⁸. Por isso a questão dos pobres é vital para uma Igreja que queira fiel a Jesus.

É, portanto, nesse caráter indissolúvelmente comunitário/social do humano que se funda o caráter coletivo da salvação trazida por Jesus e, conseqüentemente, a missão e a própria razão de ser da Igreja²⁹: tornar presente (historicizar) essa (re)união do gênero humano, a fim de formar a “grande família de Deus”³⁰, onde *todas as pessoas* (não só alguns poucos privilegiados) possam alcançar sua realização e preservar sua dignidade humana constituinte.

²⁴ SOARES, Afonso Maria Ligorio. *Revelação e diálogo intercultural: nas pegadas do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 19, 48.

²⁵ Jo 10,10.

²⁶ Ef 3,18-19.

²⁷ HINKELAMMERT, 2012, p. 14.

²⁸ FRANCISCO. *Carta Encíclica “Laudato Si”*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola; Paulus, 2015; LS 61.

²⁹ SESBOÛÉ, 2021, p. 342.

³⁰ SESBOÛÉ, 2021, p. 342.



Numa abordagem muito interessante – ainda que não isenta de alguns pontos controversos –, Harari apresenta um verdadeiro “panorama” da história humana, que nos permite vê-la – nessa perspectiva mais holística que ele adota (tomando como escala de tempo dezenas e dezenas de milênios) – como uma constante tentativa de *nos tornarmos* humanos. Harari chega mesmo a afirmar que, de tal ponto de vista, a humanidade tem caminhado em direção a uma espécie de unidade³¹.

Mas como esse “caminhar” histórico não acontece de modo sempre linear, ou seja, é um processo marcado não só por progressos, mas por infinitas contradições, até mesmo retrocessos, ele se torna um caminho cheio de desafios e ameaças. Algumas dessas, inclusive, apontadas anteriormente. Além disso, não se pode esquecer do caráter conflitivo que marca esse processo, pois vai-se esbarrando nos interesses diversos que decorrem do desejo humano frente aos limites inerentes da realidade. Ora, se a missão da Igreja é a de refletir a salvação experimentada concretamente, ou seja, na história; e ela diz respeito à vocação última dos seres humanos, que remete à unidade do gênero humano; a caminhada da Igreja, então, também não se vê isenta de contradições, desafios, e até, em alguns momentos, conflitos e regressos.

Para a fé cristã, é condição *sine qua non* de nossa humanização a ação do Espírito, enquanto aquela que permite viver conforme a vontade de Deus, o que corresponde ao paradigma crístico. Jesus de Nazaré, o Cristo, é o-homem-que-vive-plenamente-conforme-a-vontade-de-Deus tornado concreto, ou, dito de outra forma: realmente humano. É assim pela ação do Espírito, que lhe descobre na história a vontade de Deus e o faz corresponder a ela, que é sempre o desejo de sermos cada vez mais humanos. É o Espírito, portanto, que, ao criar um “Homem” “aos moldes” de Cristo, possibilita uma “nova sociedade” que favorece e possibilita a realização e felicidade humanas, que exigem uma forma de organização social que vise dar as condições de vida digna para aqueles que, hoje, são as vítimas da injustiça social e a superação desta última. Em última instância, isso leva ao reconhecimento de que tal realidade, por se dar na história, é processual, vai se dando de forma gradual e sempre provisória; e que tal realização é, antes de tudo, obra do Espírito Santo³², ficando o sucesso de tal empreitada reservado ao futuro escatológico em Deus.

³¹ HARARI, 2020, p. 183.

³² FRANCISCO. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola: Paulus, 2013; EG 12.



Dessa dinâmica própria da história decorre a *diversidade de formas* pelas quais os seres humanos colaboram com a realização desta “nova sociedade”, superando as limitações inerentes à própria condição, histórica e criatural. E no caso da “edificação do Corpo de Cristo”³³, a forma pela qual “de mil caminhos” somos conduzidos a uma só fé, sendo o misterioso laço que os une somente conhecido pelo Espírito. Isso se torna visível na pluralidade que caracteriza a unidade da Igreja.

2 O dinamismo histórico da caminhada diversifica a comunidade

Como dito, o ser humano é um ser histórico. Nossa humanização só se dá na história e por meio dela, daí que ela seja *algo dinâmico*, em pleno desenvolvimento. Tal ideia supera a perspectiva essencialista que desconsidera que nosso conhecimento da realidade e as possibilidades de nosso desenvolvimento são sempre contextualizados, isto é, se inserem dentro de um conjunto de situações que condicionam e impõem limites, o que denominamos de contexto sócio-histórico³⁴. O processo de humanização também só acontece dentro de uma *convivência* propriamente humana. Como afirmamos, a interdependência que caracteriza a humanidade também fundamenta o caráter coletivo, comunitário e social da salvação e do mistério da Igreja.³⁵

Num breve balanço de tudo que se disse até aqui, duas coisas se podem destacar: que viver, viver de modo realmente humanizado, se trata de *uma tarefa*, mas que só é possível de realizar na *aceitação do dom* de Deus; mas também que não é uma tarefa individual, pois exige a colaboração, a corresponsabilização essencial, a solidariedade, o envolvimento de todos. É uma tarefa eminentemente coletiva. Assim, será possível compreender como o dinamismo próprio da caminhada histórica vai diversificando, também, a comunidade cristã.

As comunidades cristãs nascentes “apropriaram-se” do significado salvífico da vida, morte e ressurreição de Jesus *pela fé*, e buscaram historicizar esse significado justamente na formação de comunidades³⁶. O significado salvífico que Jesus comportava estava intimamente ligado

³³ Ef 4,12.

³⁴ MANZATTO, 2019, p. 35-36.

³⁵ SESBOUÉ, 2021, p. 341-342.

³⁶ MANZATTO, 2019, p. 74-75.



com sua missão messiânica de manifestação do Reino de Deus. Todo esse processo é suscitado e dinamizado pelo próprio Espírito que Jesus comunica. É ele quem torna os discípulos capazes de irem captando corretamente a verdade de Jesus³⁷. Sim, *captando*. Novamente, ao contrário da perspectiva essencialista, que acredita que a “essência” de Jesus *foi captada e compreendida perfeitamente, de uma vez por todas*, a perspectiva que leva a sério o fato de a revelação acontecer na história é capaz de compreender que a compreensão do significado da salvação vai se dando *progressiva e gradualmente*. E ainda; não de forma sempre assertiva, pois, pelo fato de sempre sermos limitados por um dado contexto (a própria percepção dos primeiros discípulos não se dá fora disso), não nos encontramos em condições de captar *plena e perfeitamente*, todo o seu significado:

*A pluralidade de significações não é nova; vem já das primeiras comunidades cristãs [...] A riqueza de conteúdos indica, de um lado, a complexidade do conceito que se refere à completude, totalidade e plenificação do humano; e, de outro lado, indica a riqueza de percepções que o anúncio cristão traz para cada cultura que relaciona o conceito com seus ideais e sua forma de encarar a realização humana*³⁸.

O Papa Francisco insiste que a realidade é sempre superior à ideia³⁹. Aquino Júnior também já havia destacado que há uma anterioridade estrutural da realidade em relação à ideia⁴⁰. A realidade sempre supera a teorização que dela fazemos, mas isso não significa assumir que nós não temos nenhuma objetividade captada pela teoria, que seria base para um relativismo total e irresponsável. Fato é que ninguém detém o monopólio do real. Nossa percepção e conhecimento do real vai se dando em meio a um *compartilhamento da experiência comum* que nos ajuda a formar um quadro um pouco mais completo para conhecermos o real. É por isso que, por exemplo, no campo da antropologia teológica, não se despreza – não se pode mesmo desprezar, sob o risco de se condenar à incompreensão – a contribuição das demais antropologias “regionais”, que dão conta dos diversos aspectos que constituem o humano⁴¹. Isso só para dar um exemplo.

³⁷ Jo 16,12-13.

³⁸ MANZATTO, 2019, p. 61, grifo nosso.

³⁹ FRANCISCO, 2013; EG 231.

⁴⁰ AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 177-178.

⁴¹ SESBOÛÉ, 2021, p. 18.



Além disso, há que se considerar que no processo de definição do significado salvífico de Jesus, levando em conta o que se disse anteriormente, existiram (e continuam a existir) conflitos, que decorrem da disputa pela autêntica interpretação e significação da própria pessoa de Jesus. Ainda mais, conforme as primeiras gerações das testemunhas de Jesus foram morrendo e as comunidades se distanciando (temporal e contextualmente) do evento originário, foi preciso buscar pelo núcleo da fé, aquilo que se pode dizer que é “essencial”, sem o qual não se tem fé cristã.

Ora, a referência para se definir o que é e o que não é essencial na fé cristã encontra-se mesmo na pessoa de Jesus de Nazaré, que foi reconhecido e professado como Messias, mas que é, precisamente, o que está em “disputa” (desculpem-nos pelo termo). Isso aponta para um dinâmica própria no interior da Igreja, da busca por construir uma espécie de consenso, que brota de um discernimento guiado pelo Espírito, em torno do central da fé. Nesse sentido, pode-se dizer que a Igreja foi nascendo sinodal⁴².

Desde relativamente cedo, as comunidades cristãs foram compreendendo que a salvação que Jesus comunicava dizia respeito não somente ao povo judeu, mas alcançava a totalidade dos povos⁴³, daí o seu caráter missionário. À medida que o anúncio feito pelos apóstolos e pelos discípulos em geral ultrapassava as fronteiras étnico-culturais, que o restringiam ao círculo judaico-palestinese, e alcançava novas pessoas, em novas situações existenciais, novas culturas, muito diversas do contexto em que a fé se gestou originalmente, novos desafios eram lançados à compreensão do significado salvífico de Jesus. Como diz Manzatto, isso vai enriquecendo a compreensão da fé, quando o anúncio cristão toca as culturas e se relaciona com os ideais e formas de encarar a realização humana próprias dessas culturas⁴⁴.

⁴² Essa dinâmica é muito bem apresentada pelo autor que mostra, numa perspectiva sociológica, como nas religiões em geral, ocorre a busca por se construir uma espécie de consenso sobre aqueles que constituem os elementos essenciais da fé que caracteriza o grupo, ainda mais à medida que vão se afastando, cultural e temporalmente, do evento agregador originário, quando o grupo corre o risco real de desagregação por divergências e conflitos. Ver: PASSOS, João Décio. O tradicionalismo antissinodal. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de; PASSOS, João Décio (org.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 55.

⁴³ Ef 2, 11-18.

⁴⁴ MANZATTO, 2019, p. 61.



Diante das dificuldades que inevitavelmente surgem dessa nova situação, a manutenção da unidade da fé se torna um problema. Pois, por um lado, a entrada nesses novos contextos e culturas arrisca diluir aquilo que era o próprio núcleo da fé, por conta de compreensões equivocadas de alguns elementos que já existiam nessas culturas⁴⁵; mas, por outro lado, a pluralidade foi positiva, pois desbloqueou toda a potencialidade da fé, que se veria restrita se se mantivesse circunscrita ao judaísmo.

Além disso, a diversidade de perspectivas evita o monopólio da compreensão sobre o Cristo e a salvação por uma perspectiva em particular ou grupo. É por isso que, segundo a Carta aos Efésios, o próprio Cristo, por meio do Espírito, concede aquilo que é necessário para a continuidade da Igreja em fidelidade ao projeto de Deus, através de uma diversidade de “dons”, que se traduzem em “funções”, a fim de “edificar” (construir) o “Corpo de Cristo” (a Igreja)⁴⁶. Nesse sentido, o autor destaca que “cada um de nós recebeu a graça *segundo a medida do dom de Cristo*”⁴⁷, ou seja, de modo total, pois Cristo doa o Espírito sem medida⁴⁸. Daí que ele pede para que “se comportem *segundo a dignidade da vocação* para a qual foram chamados [...] *procurando manter a unidade do Espírito pelo laço da paz*”⁴⁹.

Ora, dentro dessa dinâmica histórica da Igreja, aqui brevemente ilustrada, dada aquela contextualidade de que se falou anteriormente, os conflitos, não só em torno de temas propriamente teológicos, revelaram divergências de fundo muito profundas, que acabaram se desdobrando nos famosos “cismas”, com consequências até os dias de hoje. Que haja divergências e conflitos, isso não é inesperado, já que estamos falando de uma dinâmica histórica complexa, a qual não é denegada pela revelação. Mas na ordem do testemunho, as ocorrências de cismas e a permanência de tais rupturas são de um enorme prejuízo, pois expressam uma

⁴⁵ Pensa-se aqui na “loucura” que significava a encarnação de Deus, e mais, a profissão de fé de que Deus estava presente num homem crucificado, como Paulo bem demonstra (cf. 1Cor 1,23), para as pessoas formadas na mentalidade grega, por exemplo, que já traziam consigo uma compreensão de Deus, ou da divindade, que conflita, em grande parte, com aquilo que Jesus revela de Deus. MANZATTO, 2019, p. 24-25.

⁴⁶ Ef 4,11-12.

⁴⁷ Ef.4,7, grifo nosso.

⁴⁸ Jo 3,34.

⁴⁹ Ef 4,1.3, grifo nosso.



incapacidade de resolução dos conflitos que atesta contra a factibilidade da proposta evangélica.

Aquela exortação para que se procure viver segundo a dignidade da vocação cristã, procurando manter a unidade pelos laços da paz, aponta para a necessidade urgente da promoção do ecumenismo como algo fundamental para que a viabilidade da proposta sinodal, e em última instância da própria proposta evangélica, não seja desacreditada: “O compromisso de edificar uma Igreja sinodal – missão a que todos somos chamados, cada qual na função que o Senhor lhe confia – está cheio de implicações ecumênicas (sic)”⁵⁰. Isso é possível à medida que se reconhece que o Espírito não vê sua ação limitada aos aspectos meramente confessionais, já que nos é dito que cada um (portanto as demais comunidades cristãs) recebe o mesmo Espírito segundo a mesma medida (a de Cristo).

Nossa condição humana limita a compreensão que temos do mistério de Deus. Nunca poderemos abarcar o todo desse mistério, o que não significa que não tenhamos nenhum acesso a ele. O próprio Deus cria as condições para tal ao querer, ele mesmo, se revelar a nós⁵¹; é do querer de Deus que chegemos à compreensão mais madura daquilo que significa sua vontade, seu projeto, seu sonho para nós.

No entanto, como a revelação se dá na história, ela só pode acontecer dentro da dinâmica própria da história, o que significa que ela respeita as condições de nosso conhecimento da realidade e as possibilidades de nosso desenvolvimento que são sempre contextualizadas, isto é, se inserem dentro de um conjunto de situações que condicionam e impõem limites. E isso não porque Deus não pudesse se revelar de outro modo, mas se assim não fosse, nós é que não seríamos capazes de compreendê-lo.⁵² A realidade se impõe por si mesma, e é ela, segundo o próprio mistério do desígnio do Deus Trindade, que vai diversificando a comunidade, à medida que esta busca se manter fiel na unidade da fé, salvaguardando aquele princípio de humanidade que se reflete no Cristo,

⁵⁰ FRANCISCO, Papa. *Discurso na Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*. Em 17 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 4 jul. 2023.

⁵¹ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”: sobre a Revelação Divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997; DV 2.

⁵² MANZATTO, 2019, p. 39.



“Homem pleno”, nossa meta. Nesse caminho, se interpõe a exigência ecumênica.

3 A pluralidade irresistível impulsiona a humanidade à comunidade irreversível

Deus deu-se a conhecer de modo pleno em Jesus Cristo. Ele é Deus humanizado. Isso denota um indicativo fundamental de que o conhecimento de Deus é possível por pura e deliberada iniciativa divina. E, no bojo do processo pedagógico da Revelação, Deus constituiu o humano seu interlocutor e seu mensageiro qualificado em interconectividade com todo o criado. Como reza um princípio doutrinário católico: o humano é capaz de Deus.⁵³

Considerando isto, é importante questionar: então como ocorre propriamente essa autocomunicação divina e como ela aparece na materialidade da vida? Como vimos, estamos diante de uma experiência transcendental, isto é, para além do material. Não porque seja intangível por ser imaterial, mas porque na intransponibilidade da experiência material se interpõe no humano a possibilidade de seguir adiante ultrapassando sua própria materialidade, sua imanência, transcendendo e encontrando o mistério que se disponibiliza ao diálogo com o humano. Deus dá-se a conhecer no humano e por meio dele nos processos de descoberta de si mesmo, do outro com quem e com o qual coabita, o criado, e com o totalmente Outro (Deus), que o humano termina por conhecer como o Criador.

Como vimos, o Deus de Jesus se revela na tangibilidade da vida, na história, no tempo. E se sabe disso e sobre isso através do compartilhamento de experiências humanas fundamentais com o mistério transcendente. Na prosa que Ele compõe com o humano se descobre que sua apresentação no mundo e ao mundo pressupõe o humano com quem ele proseia. Daí que é fundamental o reconhecimento da ação humana como o espaço-tempo possível para o conhecimento da ação divina, para o conhecimento propriamente de Deus⁵⁴.

A tradição católica ocidental do cristianismo espalhou, sobremaneira, uma visão de Igreja como sociedade perfeita e, devido isso, o

⁵³ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p.26-35.

⁵⁴ COMBLÍN, José. *O Tempo da Ação*: ensaio sobre o Espírito e a História. Petrópolis: Vozes, 1982.



mundo foi compreendido como uma realidade outra, separada. Daí que isso caracteriza um estilo de crer que toma mundo e Igreja como realidades justapostas não dialogáveis. Assim, a forma possível de superar essa justaposição seria mediante a conversão do mundo à Igreja, não havendo intercambiamento. Isto posto, como compreender que Deus é propriamente a origem do que existe e de que modo Ele age no mundo e na Igreja?

Aqui entra uma questão fundamental no que diz respeito ao conhecimento de Deus. Ele se dá a conhecer e o que vimos mediante Sua Revelação é que Ele age. Isto significa que não se tem notícias de Deus, conforme a fé de Jesus, num modo estático, incomunicável, mas o que nos é comunicado pelo Verbo Encarnado é que Deus é ação eterna inter-comunicativa, que Ele não é uma solidão, mas é uma comunhão divina em três pessoas que *passseiam* umas nas outras, entre si, e que isto é um amor eterno cujo segredo nos é dito por Jesus. Este amor eterno é puro dinamismo de comunhão, de tal modo que não há outra maneira de saber dele que não agindo, e é justamente desta *pericorese* que ocorre o transbordamento da comunhão trinitária, dentro do qual acontece o generoso gesto da criação no transvasamento da vida de Deus.

Deus é ação e, portanto, tudo que existe, tudo o que foi por Ele criado é marcado por esse dinamismo irresistível de agir. Significa que o dinamismo carrega o código genético da comunhão que deve aparecer em toda ação. Por isso o Papa Francisco ressalta que tudo está interligado⁵⁵ e nada do que existe pode sobreviver de modo integral e pleno sem responder a essa vocação original e originante de tecer comunhão.

Diante deste quadro, podemos compreender que a ação humana não está submetida à natureza, mas, no dinamismo integral da criação. É mediante a ação humana que Deus age para integrar tudo que existe na interligação de comunhão. Isto é, Deus age na própria ação do homem, que por meio direto e explícito ou num formato indireto e implícito responde ao Seu apelo constante de vida e realização. E esta apelação divina, pelo que se conhece da tradição cristã, não ocorre em uma modalidade individual isolada, mas irrompe no interior do coração humano mediante os apelos para a relação e se engaja na irresistível ação de tecer relações.

Deus criou o mundo e a humanidade com os dinamismos próprios de comunhão, porém, o humano e o mundo nem sempre corresponderam

⁵⁵ FRANCISCO, 2015; LS 92; 120.



a esses dinamismos e, ao invés de construírem comunhão, promoveram separação, isolamento e destruição. Caíram no pecado. No entanto, Deus é um amante incondicionado e não recua da sua busca amorosa por suas criaturas. Permanentemente Ele interpela a criação para que recupere a sua experiência originária e redescubra sua vocação fundamental engajando-se num empenho constante de fazer acontecer a comunhão. Deus não aceita a supremacia do pecado, mas interpela a humanidade para que se abra à graça, que é a vida divina infusa em cada pessoa na força que é o Espírito Santo. A graça apela e interpela o humano para a ação que consiste em resgatar a vida do pecado e da morte.

Assim, a comunidade eterna que é a Santíssima Trindade, é a origem radical da humanidade e de tudo que existe. Nos desdobramentos da existência, humano e natureza defrontam-se com a debilidade estampada no pecado, naquele no modo ativo e nesta na forma passiva. As consequências do mau uso da liberdade, principalmente pela recusa frontal e contumaz de não corresponder à vocação da comunhão, atingem a própria humanidade enquanto agente do pecado e a natureza enquanto alvo das ações humanas pecaminosas. Mas, isto não é o último brado sobre a vida e os viventes, pois Deus não nos deixou entregues à corrupção, mas nos estimulou e estimula incessantemente a voltar ao primeiro amor com Ele, aquele donde nascemos e para onde devemos retornar. Este estímulo divino para sua criação é a graça que irrompe no interior da vida, para induzir a vida ao refazimento das rupturas que ocorreram e ocorrem mediante o pecado.

O Espírito Santo é o agente trinitário que habita o interior de cada ser humano e de cada realidade criada incitando à ação intercomunicativa. A sede de vida que grassa no interior de tudo que existe e a necessidade de interconectividade são propriamente o Dom do Espírito incitando à comunhão. Daí que Deus, que é Ação, é esta interpelação do Espírito e irrompe no mundo mediante a ação dos homens e mulheres crentes, que se esforçam em superar o pecado e a morte, transformando o mundo e suas inclinações tanáticas no acontecimento do Reinado de Deus. Ou seja, Deus não abandona sua obra criada, nem mesmo pelo pecado contumaz da humanidade. Ele está sempre disposto à restauração para que a salvação se realize. Jesus veio comunicar esta salvação revelando-nos Deus e a humanidade a si própria.

A humanidade tem no encontro com Jesus a graciosa oportunidade de aprender a ser humano e aprender a ser filho de Deus, pois a filiação divina que nos é concedida no Cristo passa pela humanidade vivida por



Ele. Deus humanizado é o caminho de salvação. De modo que o estilo crístico de esvaziamento mediante a *kénosis* para tornar-se humano e enquanto o estilo servidor do peregrino de Nazaré na busca de reunir todas as pessoas na fraternidade, propriamente, é o movimento que constitui a ação de quem realmente é crente.⁵⁶

Encontrar Jesus e ser por Ele transformado não é apenas enunciado mediante orações sentenciais e discursos bem-organizados em proposições concatenadas. A ação do crente deve explicitar performaticamente o estilo de esvaziamento e de serviço no interior da práxis humana, enquanto uma ação intercomunicativa que envolve humanidade e toda a criação. O grande promotor desta ação é o Espírito Santo que desperta, inspira e impulsiona as pessoas à ação que busca encontrar o outro e tudo que existe num esforço de criar vida e comunhão. Tornar a vida regida pela graça divina que se mostra nas ações dos homens e mulheres de boa vontade, explícita ou implicitamente interlocutores de Deus, é propriamente o que realiza, ainda que na incompletude ativa, o Reinado de Deus.

Este suscitamento de ações que o Espírito realiza, converge com a diversidade criativa das culturas humanas, pois a humanidade interplada não é uma mera abstração senão que são pessoas bem situadas no tempo e no espaço, pertencentes a um povo e engajadas nos processos de edificação de povos e nações. Aqui se percebe a graça do encontro criativo, pois o Espírito é a pessoa divina que anima, inspira a comunhão, e a humanidade que é vivente e assim o é à medida em que cria e recria as situações e ocasiões de culturas que lhe garantam viver. Por isso, a diversidade cultural, tão própria da humanidade vivente, encontra no impulso criador do Espírito Santo a sua ocasião de realização integral. E, justamente a partir disto, é que irrompe no seio da história experiências de vida que propiciam mais vida, amizade, relação, comunhão que ajudam o mundo e a humanidade a não sucumbirem aos roteiros de debilidade e destruição. Isso se vê de modo originário na constituição de comunidades humanas crentes que são agentes de transformação do mundo que levam a história ao acontecimento do Reinado de Deus.

Quando homens e mulheres crentes vivenciam e expressam a sua fé no interior duma comunidade em diálogo explícito com a sociedade e o mundo, esta ação é propriamente ação de Deus, pois na raiz está a

⁵⁶ FI 3.



interpelação divina. A criação de modalidades diversas de viver esta comunhão, no serviço da comunidade, enquanto vida fraterna, celebração litúrgica, no serviço da caridade e transformação da sociedade são indícios de uma pluralidade irresistível que é despertada pelo próprio Espírito criador e fomentador de comunhão. No entanto, no bojo desta irresistível pluralidade está o ímpeto inapelável de intercomunicação que faz amizade, forma grupos e estabelece comunhão no irreversível dinamismo de formar comunidade. De modo que, do plural ao comum, do irresistível ao irreversível, o cristianismo é um caminho de ação no tempo e no espaço, na dinâmica do Reinado de Deus.

4 Entre o eclesial e o ecumênico o sínodo se faz Igreja

O Reinado de Deus é a vida inteira convertida na vida de Deus. Este é um dom transcendental, que irrompe no tempo e no espaço, enquanto acontecimento que se realiza em formato tensional, isto é, em formas concretas de comunhão que expressam a vida divina, mas que não encontram no tempo e no espaço a sua plenificação, pois é prenhe de eternidade. A Igreja de Cristo, nascida na totalidade de sua vida revelada, é expressão desse reinado em modo sacramental. A oferta de restauro das criaturas no projeto de Salvação que é Cristo, tem na Igreja um sinal universal⁵⁷. Ou seja, a comunidade eclesial é a declaração explícita de que Deus não desistiu de suas criaturas. Não obstante a contumácia das ações pecaminosas que persistem na desagregação e destruição, Ele quer salvar a todos e todas.

Mundo e Igreja não são justapostos, mas interpenetrados. A Igreja irrompe no mundo por desígnio divino. Nela as interpelações divinas são respondidas mediante a ação dos crentes que buscam transformar o mundo e realizar o acontecimento do Reino. Como o mundo é o espaço-tempo no qual se encontra a Igreja, por estar a serviço do Reinado de Deus, então o combate ao pecado faz parte do cotidiano da práxis eclesial, pois as forças de divisão e de destruição podem contaminar de tal modo os crentes que estes podem se deixar levar e ceder ao pecado. Assim, a dinâmica eclesial é dialeticamente constituída do empenho em fomentar a comunhão e debater-se com as inclinações ao isolamento, desagregações e rupturas das mais variadas modalidades. Não obstante O Santo habitar

⁵⁷ LG 48.



a comunidade eclesial, a humanidade que é seu agente não está isenta de pecar. Vive constantemente a tensão entre a comunhão e a divisão.

A unidade é a vocação original da Igreja. Estamos diante de um princípio, o princípio de comunhão, o princípio ecumênico. Isto é, na raiz da vida eclesial está o Cristo, Único Senhor, que é Um na Comunhão de três pessoas distintas e missionariamente atuantes. Ele é propriamente o explicitador do código genético eclesial que é a comunhão. E, por isso, ser Igreja significa encontrar o Cristo com os irmãos, caminhar com Cristo e os irmãos, rumo ao Pai na efetiva animação graciosa e generosa do Espírito Santo.

Caminhar Juntos é da genética da Igreja. Ela assim se descobre vivendo a comunhão. Povo de Deus que caminha pelas estradas da vida vivendo a fé rumo ao Reinado definitivo de Deus. Povo que escudou o chamamento divino para se aliar aos outros e juntos tecerem a grande teia da comunhão que deve ser a Igreja no serviço ao Reino de Deus. Este povo é, propriamente, o sujeito eclesial que presentifica a Igreja no mundo. E esta presença não significa adorno, mas é ação concreta e dinâmica de transformação e restauração da vida ao modo de Deus, para corresponder aos desígnios divinos.

Assim, todos os empenhos de comunhão e participação vividos pela comunidade eclesial gravitam entre o ecumênico e o eclesial, pois é desta práxis de *caminhar juntos* no assumir modos de viver e ações de promoção e defesa da vida que a Igreja vai sendo edificada como deve ser, como está na sua gênese, como sínodo. Quando o Papa Francisco convoca toda a Igreja Católica a celebrar a sinodalidade, ele está chamando a atenção para o fundamental: a Igreja é sinodal ou não é Igreja. As diferenças e os conflitos que emergem nas práticas não podem se converterem em obstáculos à comunhão, mas devem favorecer a boa recordação da origem: fomos criados pela criatividade da comunhão. Movimentar-se pela comunhão e em direção da comunhão implica muitas vezes no reconhecimento do ecumênico enquanto princípio e do ecumênico enquanto movimento, esforço de busca que faz e refaz a comunidade no caminho comum. Daí que entre o eclesial e o ecumênico vivemos e fazemos acontecer uma Igreja Sinodal. O Sínodo se faz Igreja, faz a Igreja, é a Igreja.

Considerações finais

Nunca será exaustivo tratar da sinodalidade porque ela é um dom do alto, um dom do Espírito. Deus desperta o seu povo para a missão.



Configurada ao Cristo missionário, enviado do Pai, a Igreja inteira, que nasce da unidade é vocacionada à comunhão itinerante. Esta comunhão se dá mediante a participação de todos no movimento de agir de Deus. A ação de Deus aparece na ação da humanidade e tudo isso tem, na comunidade, o seu exemplar excelente.

A comunidade reunida em nome do Senhor, é incumbida de, no meio do mundo, sinalizar o Reino de Deus, que é a vida inteira sob o domínio do divino. Todos nós somos vocacionados a isso e o engajamento na sinodalidade, que é a vida da Igreja, deve fazer de nós um povo plural, diverso, criativo, e por isso, ecumênico e eclesial ou eclesialmente ecumênico e ecumenicamente eclesial.

Nós estamos num tempo novo, o Tempo do Espírito, que desperta renovadas criatividades. Estas criações que a comunidade vive são marcadas pelo espírito de comunhão, que é gerador da sinodalidade. A unidade originária e o chamado a caminhar devem refletir o dinamismo da caminhada que diversifica a comunidade. Se a comunidade é o reflexo da ação do Divino Espírito Santo na ação dos crentes, então, a criatividade originária é marca da vida comunitária; por isso, o dinamismo comunitário é, na verdade, um dinamismo diversificado, plural. Neste sentido, a vida dos crentes é marcada por uma irresistível pluralidade, que é, na verdade, o caminho de comunhão, ou seja, um caminho para a irresistível vida em comunidade.

Assim, a Igreja é feita da diversidade e da pluralidade, que são animadas pelo Espírito Santo, que irrompe na ação dos crentes e, assim, entre o eclesial e o ecumênico, o sínodo realiza a Igreja. Não há outro formato de ser Igreja de Cristo que não seja o formato sinodal. Negar isso é negar a essência fundamental da Igreja de Jesus. “Por uma Igreja Sinodal” é um apelo profético e inapelavelmente necessário para a Igreja na contemporaneidade. E, recordando uma máxima rahneriana de que o cristão contemporâneo ou é místico ou não é cristão, então, dá para asseverar que a Igreja do tempo que se chama hoje e desde sua origem ou é sinodal ou não é a Igreja do Cristo de Deus.

Referências

BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2020.

A BÍBLIA: *Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015.



AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A dimensão socioestrutural do Reinado de Deus*. Escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010.

AUGUSTIN, George. *Io sono una missione: i passi dela nuova evangelizzazione*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2018.

AUGUSTIN, George. *Por uma Igreja “em saída”*: impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. Petrópolis: Vozes, 2018.

BOSCH, David J. *Missão transformadora*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

COMBLÍN, José. *O Tempo da Ação*: ensaio sobre o Espírito e a História. Petrópolis: Vozes, 1982.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Dei Verbum*”: sobre a Revelação Divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática “*Lumen Gentium*”: sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 1997.

DOCUMENTOS DA IGREJA, 48. Comissão Teológica Internacional. A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja. Brasília: edições CNBB, 2018.

DOCUMENTOS DA IGREJA, 63. Instrução: A Conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja. Brasília: edições CNBB, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica “Fratelli Tutti”*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica “Laudato Si”*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola; Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Discurso na Comemoração do Cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*. Em 17 de outubro de 2015. Disponível



em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 4 jul. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *O Princípio de Humanidade*. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HINKELAMMERT, Franz. *A maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2012.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. Coleção Theologia Publica. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

LOPES, Antonio de Lisboa Lustosa; SANTOS, Thales Martins dos (org.). *Sinodalidade e Pastoralidade: olhares diversos*. São Paulo: Paulus, 2022.

LUCIANI, R., NOCETI, S., SCHICKENDANTZ, C. *Sinodalità e Riforma: uma sfida ecclesiale*. [Biblioteca di Teologia Contemporanea]. Brescia: Queriniana, 2022.

MANZATTO, Antonio. *Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Teologia do Papa Francisco).

MORAIS, Júlio Cezar Nascimento; MORAES, Karolayne Maria Vieira Camargo de. A sinodalidade como método eclesiológico para a práxis evangelizadora. In: LOPES, Antonio de Lisboa Lustosa; SANTOS, Thales Martins dos (org.). *Sinodalidade e Pastoralidade: olhares diversos*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 189-214.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de; PASSOS, João Décio (org.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 55-68.

SESBOÜÉ, Bernard. *O homem, maravilha de Deus*. Ensaio de antropologia cristológica. Tradução de Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. *Revelação e diálogo intercultural: nas pegadas do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.